

①

11 de Maio de 1950

**MEIO DE SEMANA**

Diante das formas da vida, a emoção participa do cotidiano. As coisas belas que examinamos surgem e desaparecem no movimento perpétuo do mundo, ao longo das horas de sempre que se contraem ou dilatam um momento em torno da aparição passageira. As figuras humanas são nossas semelhantes. Admiramos suas proporções, sua magia particular, seu colorido ao atravessarem certos ambientes luminosos, e em seguida esquecemos esse encontro porque em nós e na aparição repentina existem as forças vitais do efêmero.

Quando a estátua aparece diante de nós, que circulamos em torno para captar todos os pontos de vista de sua imobilidade, é outra coisa que sentimos, e a essa sensação está profundamente ligado o sentimento da arte. As mãos que modelaram a figura absorvem o silêncio admirativo dos que contemplam. Os homens estão na pedra, reproduzidos de um jeito novo como não há na realidade da vida, mas na idealização de um quase sonho. Assim existem, no universo fechado do artista, as formas de um mundo novo, onde a beleza se alimenta da vida mas se desenvolve acima das contingências.

Esse enorme bloco de pedra, quase cor de rosa, quase cor de carne, que agora existe oculto num dos pavilhões da antiga praça da harmonia, um dia destes me levou até o atelier do escultor que acaba de concluí-lo. E valeu a pena essa aventura, entre tantas construções da secretaria de Obras Públicas, para pousar os olhos na obra do escultor Vasco Prado. Essa *Pomôna* que vai repousar num jardim de Iraí, sobre espelhos de água, entre arvoredos tranqüilos, merece ser vista antes de partir para sempre. O corpo da índia imponente, na lânguida postura em que se encontra reclinada, talhada na pedra enorme, quase cor de rosa, num momento de repouso fixado para sempre, emerge do inanimado sob os golpes do artista para afirmar a capacidade deste, numa permanente

presença da beleza humana imobilizada. O espectador passeia seu encanto em torno da obra de arte, absorve todos os ângulos da visão oferecida pela figura de pedra, em cada momento encontra a surpresa de uma linha que dá a ilusão do movimento repentino, os músculos das costas palpitam numa acomodação inesperada à posse eterna.

E, fica-se no fundo, de certo modo, com uma inveja muda do escultor que fez aquilo, deu forma e relevo a um fragmento do mistério humano na luta cega entre o espírito criador e a fuga das formas rebeldes que povoam de espetáculo os desertos do mundo. Fica-se desejando também poder isolar com o material plástico da palavra alguma coisa que perdure e exista numa afirmação, embora se saiba que esse outro material, na sua fluidez fugitiva, mal consegue indicar, no efêmero instante, a passageira atitude de algumas cores, o gesto morto de uma vida, o momentâneo cristal que a luz sugeriu ao poema, o curto vôo que era uma esperança e já pousou na dissipação final.